

BRASIL-PORTUGAL

1 DE JUNHO DE 1906

N.º 177

A Rainha de Inglaterra em Lisboa



A rainha Alexandra chegou ao Tejo no dia 18 de maio a bordo do yacht *Victoria and Albert*, comboiado pelo cruzador *Berwich*. Partiu do Tejo no mesmo dia, depois de, com a família real portuguesa, haver visitado Cintra, onde o photographo do *Brasil-Portugal*, tirou este grupo.

Da esquerda para a direita: 1.º plano — D. Fernando de Serpa, marquez de Soveral, marquez de Alvito, princeza Victoria, El Rei D. Carlos, Rainhas Alexandra e D. Amelia, condessa de Seisal, lady Autin, princeza Luiza de Orleans.

2.º plano: — Marquez de Lavradio, capitão Leote Tavares, coronel Frederick, Principe Real, Mr. Howe, *captain* Keppel, comamndante do yacht real.

O novo ministerio

João Franco

Elle traz para a administração do paiz nervos d'aço, tempera de leão, energia que se não doma. E' d'isto que se carece? Quem o o duvida! Acceta-se isto? Quem o sabe! Está n'estas perguntas todo o problema da governação. Será capaz de resistir a estas duas interrogações a engrenagem politica? Se no momento que corre



Conselheiro João Franco Castello Branco
Presidente do conselho e ministro do reino

ellas tivessem resposta, estava aberto e decifrado o futuro do governo João Franco. E' que a politica portugueza oscilla entre estes dois polos: de um lado o Rei, do outro os republicanos. Conseguir que o Rei se imponha em nome da lei, e em nome da lei pôr os republicanos no seu lugar deve ser o desideratum de um ministro de força. Que o sr. João Franco em vez de dar com os burrinhos n'agua se eleve ás imminencias do seu programma, é no que confiam alguns e é o que desejam todos.

José Novaes

Velha dedicação compensada a tempo. Foi-lhe dada a pasta da justiça como acto de justiça, porque esta, no caso presente, é synonyma de lealdade. Oxalá que os ares do ministerio sejam tão benignos como os do Porto, e que em actos de boa administração o ministro de hoje seja o prolongamento do antigo governador civil.



Conselheiro José de Abreu do Couto de Amorim Novaes
Ministro da justiça

O estudante de direito fez as suas provas, o parlamentar teve já o seu *accessit*: possa o ministro ter sempre em equilibrio a balança da justiça. E aqui está um caso em que a independencia pessoal é a maior das forças.

Ernesto Schroeter

Ser ou não ser... eis a questão. Este caso inedito e picaresco na politica portugueza eleva-o-ia a tragedia a auctor do Hamlet... se ainda existisse. A nossa jurisprudencia não nos dá para legislarmos sobre o assumpto: não sabemos ainda, — *tot caput, tot sententia* — se é portuguez ou estrangeiro o sr. Schroeter, mas o que constatamos e aqui deixamos registado é o facto, que não tem precedentes. Se o titular da pasta da fazenda continuar n'essa



Conselheiro Ernesto Driesel Schroeter
Ministro da fazenda

pasta e nada fizer, é o mesmo que lá não ter estado. Passa e perdoa-se-lhe. Mas se se desse a hypothese de elle salvar as finanças, matar o deficit e endireitar o paiz... era homem ao mar. Curioso ou não é?

Vasconcellos Porto

O novo ministro da guerra, engenheiro dos mais distinctos, está a dirigir o exercito. O sr. Malheiro Reymão, bacharel em direito, está na pasta das obras publicas. Parece disparate, mas não deve ser, porque estas anomalias tem sido inherentes a todos os governos. Para não ser completamente original o nobre presidente do conselho tem este ponto de contacto com os seus antecessores.

Manda, porém, a verdade que se diga que o sr. Vasconcellos Porto, tem sobre o exercito e as suas necessidades opiniões e modos de ver. E vem a ser a principal a mesma dos ministros que lá estiveram antes d'elle, isto é: que o serviço militar e a confiança nos militares está na razão directa da... *pagatio*.



Conselheiro Antonio Carlos Coelho de Vasconcellos Porto
Ministro da guerra

Luiz Magalhães

O pae nunca foi ministro. Contentou-se com as glorias de orador. Tambem o filho o é, e publicista, e dos que valem, que são os que pensam e sabem. Elle tem portanto a mais do que o pae uma pasta, mas a menos do que elle a gloria de ter sido o primeiro tribuno



Conselheiro Luiz Cypriano Coelho de Magalhães
Ministro dos estrangeiros

de Portugal. Que fosse o primeiro ministro dos estrangeiros da sua terra ainda não estabeleceria um perfeito equilibrio, é certo, mas já seria uma consolação

Palpita nos que a Allemanha lhe não deixa attingir esse jubilo official por que ha *madeira* de permeio, e a propria França, quando os tabacos lhe cheirarem a esturro, é possível que lhe ponha... entravea. E' o que se vae ver.

Ayres de Ornellas

A devoção religiosa nunca abandonou os grandes marinheiros da nossa historia. O sr. Ornellas é religioso — e tinha de sel o, o que é uma coragem — é valente, do que tem dado provas sobejas, tem um nome illustre, o que impõe deveres, conhece a Africa como



Conselheiro Ayres de Ornellas e Vasconcellos
Ministro da marinha

os seus dedos. Ninguem dirá que no ministerio da marinha esteja fóra do seu posto este official do exercito. Assim, tantas qualidades e condições o recommendam, que fica satisfactoriamente explicada a razão porque sendo elle o filho mais recente do franquismo... chegou, trepou, venceu.

Malheiro Reymão

Vianna do Castello elegeu o varias vezes deputado e nomeou-o agora ministro. Ella é mais do que a sua Vianna, é o seu castello, e quem lh'o guarda e lh'o defende é... o clero.

Na praça da linda cidade minhota, o sr. Reymão, cercado sempre de clerigos, lembra o prelado e o seu cabido. E a coisa que mais nos surprehende é não o ver no ministerio dos cultos. Não o



Conselheiro José Malheiro Reymão
Ministro das obras publicas

deixou uma doença impertinente entrar com o pé direito e a pasta das obras publicas sobraçada, mas para se desferrar elle tem vontade de ferro como o seu chefe, aquella de que deu provas na celebre sessão dos deputados anterior á scisão. A sua gerencia é um enigma absoluto, porque foi elle o ultimo... a entrar.



Major Affonso Chaves

Com 48 annos de idade ninguem ainda deu prova de mais devotado amor e de mais valiosos serviços á sciencia. Como official fez serviço militar nos batalhões da sua ilha, S. Miguel, mas não era ali que tinham de brilhar as suas faculdades derivadas com exito crescente para o arduo e vasto campo da meteorologia. Regou sciencias naturaes no lyceu de Ponta Delgada, dirigiu o Museu zoologico e o posto meteorologico e alargou por tal maneira o ambito dos seus estudos, que a breve trecho era consultada pelos naturalistas que de todo o mundo aportam áquella região vulcanica, o principe de Monaco fez d'elle mais que sem collaborador, um amigo, e El-rei D. Carlos ao visitar os Açores acabou por lhe consagrar a fama, elevando-o a chefe dos serviços meteorologicos dos Açores e conferindo-lhe, agora, na sua passagem por Portugal, a commenda de S. Thilago.

Lá vae a caminho da Africa do Sul o insigne naturalista portuguez, que, se consegue organizar o serviço meteorologico das nossas colonias da costa oriental, será consagrado como um benemerito da sciencia e da patria,

Os Reis de Hespanha



D. Affonso XIII e D. Victoria Eugenia

Casados em Madrid, em 31 de Maio de 1906, na igreja dos Jeronymos

O BRASIL-PORTEUGAL saúda os reaes noivos, e deseja-lhes uma lua de mel duradoira

A TAÇA "LISBOA"



A regata no Tejo ao longo da muralha, até Belem. — Guigas que disputaram a taça «Lisboa»

Vencedora: *Iusula* (lado de terra) do *Club Madeirense*, timoneiro A. Pereira Dias
Vencida (por $\frac{1}{3}$ de comprimento apenas): *Idalia* (lado de fóra), do *Real Club Naval*, timoneiro Manuel Vasques

O porto de Lisboa

Posto de desinfectação



O grande paquete allemão «Oceana», atracado ao caes de acostagem

Ponham n'isto os olhos os partidarios da lei «Luro», e os 20:000 signatarios da mensagem trazida da Argentina pelo sr. Echegaray



ão é de hontem que a Argentina pensa no estabelecimento de carreiras de vapores entre Buenos Ayres e Lisboa. Varias tentativas se fizeram para esse fim em propostas de iniciativa particular dirigidas aos governos dos dois paizes. Entre ellas figura a da firma *Abreu, Istueta &*

C., enviada para Portugal em 1888, e a que se não deu andamento por se não avaliar então todo o alcance d'essa empreza, que traria para o nosso porto toda a importancia que hoje se lhe reconhece.

Vem de molde alguns trechos d'essa proposta, agora que os portos hespanhoes nos disputam primazias, que não podem ter, nem pela sua situação nem pelo que lhe falta em melhoramentos e desafogo:

Dizem *Abreu, Istueta y C.*, domiciliados e estabelecidos em Buenos Ayres (Republica Argentina) que tendo concebido a ideia de estabelecer uma linha de navegação a vapor entre portos portuguezes e argentinos com escala em portos brasileiros, vem respeitadamente apresentar á consideração de V. Ex.^a o seu projecto exarado nas bases da proposta que teem a honra de juntar.

... Desde logo, o facto de Portugal, consumidor de cereaes, peles, sebos, lãs, couros e outros generos que em tanta abundancia produz a Republica Argentina, e exportador de vinhos, azeites, etc., não cultivar com este paiz relações commerciaes mais seguidas e importantes, é devido, sem duvida alguma e como em mais d'uma occasião se tem asseverado em relatorios consulares e outros documentos pu-

blicos, á carencia de meios de transporte directo a vapor. E' sabido que os vapores das linhas inglezas e francezas que tocam em Lisboa não recebem n'este porto carga nem encomendas para Portugal directamente e a experiencia propria nos tem demonstrado que tendo que remetter a Lisboa qualquer objecto só o podemos fazer pela via de Bordeaux ou de Southampton!

Mais favorecido n'este sentido do que a Republica Argentina, o Brasil mantem com Portugal estreitas relações de interesses; e tambem essas ganhariam indubitavelmente novas e importantes facilidades com o estabelecimento da companhia de navegação *Argentino-Luso-Brasileira*, chamada a dar maior desenvolvimento ao trafego de cargas e de passageiros entre ambos os paizes.

Lisboa, que no vasto scenario da navegação entre o antigo e o novo continente, até hoje só tem representado o insignificante papel de porto de escala, assumirá, com o estabelecimento da companhia de navegação *Argentino-Luso-Brasileira*, toda a importancia que lhe compete como cabeça d'uma extensa linha de comunicação maritima, pois será porto inicial e terminal das viagens d'estes vapores, os quaes em Lisboa, descarregarão todas as mercadorias e desembarcarão todos os passageiros que de novo transportarem ao velho mundo.

... Pela sua posição geographica e bem assim pelas suas condições naturaes, melhoradas pelas grandes obras que actualmente ali se executam, o porto de Lisboa com as suas aperfeiçoadas e rapidas comunicações terrestres com a Hespanha e a França, está chamado a ser em breve tempo, o grande emporio internacional e a chave mestra de todo o movimento maritimo de cargas e passageiros entre os dois hemispherios . . . »

Uma prophecia das ultimas palavras. Não tardará que o Telo seja essa chave mestra.

Em Bahia Blanca

(ARGENTINA)



D. Maria Isidora R. de Abreu
† 15-4-906

Tem um lugar áparte no *Brasil-Portugal* esta illustre senhora ha pouco fallecida em Buenos-Ayres, onde durante annos foi desvelada protectora dos pobres. Nascida em Montevideo, contava 87 annos. Casara em 1872 com o nosso compatricio Luiz Antonio de Abreu, abastado proprietario. Uma grande parte da sua enorme fortuna empregou-a em obras de caridade e instituicoes de beneficencia.

Entre outras figura a igreja de Nossa Senhora da Piedade e o collegio de artes e officios para rapazes que mandou edificar na Bahia

Blanca, que hoje reproduzimos pela gravura. Quando em 1890 esteve em Portugal, a visitar a terra natal de seu marido, Torres Vedras, deixou largos vestigios da sua passagem em esmolas avultadas e obras locaes, taes como as que mandou fazer na igreja da Graça.



Interior da igreja de Nossa Senhora da Piedade



Bahia Blanca. — Argentina

Egreja e collegio de Nossa Senhora da Piedade, edificados em 1894
(Offerecidos pelos seus fundadores á Congregação Salesiana)

Pela Arcada

Kodacks da crise

Esperando os novos ministros

Política e políticos



— Nós somos tres . . .
O Meneres: — Mais um para a contet de dois . . . pares.

A quinze dias de vista . . .

Letras que não obrigam a protesto

IV

AB JOVE PRINCIPIUM: o sr. Hintze Ribeiro cae bem e o sr. João Franco entra menos mal. Como o Cesar da Roma Imperial . . . Haverá vantagem ou desvantagem na organisação de um governo com gente nova? As primeiras economias. Faz-se cotos pela moralidade na administração e pede-se mi-ericórdia para a barriga nacional. O terrivel exemplo do sr. Dias Ferreira. Gatos e cães. Deus proteja os srs. ministros. Um abraço e um pedido ao sr. Luiz de Magalhães. — O exodo dos artistas dramaticos. Ao Brasil! Considerações sobre uma emigração em massa. Pede-se o estreitamento de relações litterarias entre Portugal e o Brasil. Considerações varias. Uma promessa á rua do Ouvidor. — O mau tempo e suas consequencias. — Uma provisão do patriarchado. Desgosto do clero. Espera-se que tudo acabe bem.



Como sempre, a Política dominou na quinzena finda, assignalando-se por dois factos que se impõem ao registo da Chronica; a queda inesperada do gabinete da presidencia do sr. conselheiro Hintze Ribeiro e a chamada aos conselhos da corôa do sr. João Franco Castello Branco.

O paiz variou de governo mas até este momento a situação não parece ter mudado. E, afinal, talvez tenha mudado e muito. Quem sabe d'essas coisas são os srs. politicos e quem quizer informações seguras sobre o caso fará o favor de ir bater ao ferrolho de suas excellencias. Fazer truz-truz á nossa porta para inquirir de coisas politicas, é trabalho baldado. Pela minha parte declaro que o unico acontecimento politico que me preoccupa é alguma provavel che-

gada do sr. doutor Bernardino Machado, por ser possivel ter conhecimento d'ella por vias . . . de facto.

Tendo constituido partido ha poucos annos, do sr. João Franco Castello Branco se pode dizer, como do Cesar da Roma imperial, que chegou, viu e venceu. E' presidente do conselho. Deus satisfez-lhe um desejo, aliás legitimo em honra da estatura moral e politica de s. ex.^a. Que o Senhor seja bom pae até o fim e permita que o sr. João Franco exerça o altissimo cargo que occupa sem difficuldades de maior. Terá muito que fazer, porque os seus collegas no gabinete, comquanto sejam pessoas de indiscutivel merito, são novatos no officio de governar. E, d'ahi, talvez essa circumstancia, que agora se nos attigura difficuldade, seja uma vantagem. Quem sabe?

Normas de economia já o sr. João Franco impoz aos seus collegas, arbitrando-lhes apenas um secretario por cabeça, secretario que não vencerá como tal cinco réis. Devemos convir que s. ex.^a começa bem e que esta medida é consoladora . . . para quem não seja secretario de ministro. Mas bom é que, contrariando o aphorismo, o pretor cure, assim, até das coisas minimas.

Obter o desafogo das finanças sem gravame para o contribuinte, é seguramente a acção mais meritoria que um governo pode prestar ao seu paiz. O sr. João Franco que está ao facto, como poucos, do muito que se dispende com e sem proveito, saberá por onde metter a ponta afiada do seu lendario facalhão das economias e cortar sem fazer cruéis sangoeiras nem arranhar ossos. Permitta Deus que assim succeda e que s. ex.^a não se veja obrigado a atacar-nos pela barriga. Tenha o sr. João Franco sempre presente o exemplo do sr. José dias Ferreira, que por causa dos carapaus ficou em situação tal, que não conta hoje a seu lado um unico gato. E, afinal, não conseguiu calar os cães . . .

A Chronica saúda os novos ministros e, como é da praxe, deseja-lhes as maiores felicidades, até por um natural sentimento de egoismo, uma vez que o desafogo da vida ministerial implica, implicitamente, o bem estar da nação. E seja permittido ao chronista abraçar o sr. ministro dos negocios estrangeiros, a quem do coração deseja uma carreira politica tão brilhante como a sua carreira litteraria. E, aqui para nós que ninguem nos ouve, não esqueça s. ex.^a os legitimos interesses dos seus camaradas nas lettras, promovendo a realisação de tratados litterarios, ultimamente renovada pelas notas trocadas entre os representantes dos governos de Portugal e Italia.

Está dito? . . .

Fecharam quasi todos os theatros de Lisboa, ficando da gente portugueza na brécha apenas José Ricardo, explorando o theatro da Avenida com a sua companhia de operetta e vaudeville. E com o termo da época theatral, que vae de setembro a maio, começou o exodo dos artistas para terras de Santa Cruz, onde vão procurar applausos hypotheticos e lucros certos. Porque, diga-se a verdade que Deus manda dizer, ainda nos casos em que o Brasil — que tem visto o que ha de melhor em theatro — manifesta o seu desagrado por alguma companhia incompleta ou por algum repertorio deficiente, as empresas que annualmente vão explorar as casas de espectáculo da republica irmã nunca veem com os bolsos vassios ou com as mãos tal qual as levaram. No peor dos casos ha sempre na carteira um cheque representativo de boas libras (d'aquellas que nós já tivemos) a descontar no London and

Brasilian Bank, ha sempre dois ou tres cachuchos a faiscarem na mão esquerda do arrojado operario, da estonteante estrellada, do sympathico actor ou da festejada actriz. Isto sem contar com as coristas, que indo para lá como partes componentes d'um corpo coral, de lá veem como fragmen-



Pela Arcada. — A caminho do Paço

tos dispersos d'um corpo... oiro.

Assim se explica a verdadeira febre que assalta emprezarios e artistas, sem intermitencias, de partir para essa terra privilegiada em procura de remuneração mais equitativa para o seu trabalho. Até certo ponto, nada mais justificado. Mas o que não se justifica, é a emigração em massa que este anno se verificou, e que naturalmente dará resultados contraproducentes. Nada menos de quatro companhias partiram com destino ao Rio de Janeiro! Chega a gente a pensar que ellas foram representadas para as outras.

Oxalá que tal não succeda e que os nossos artistas regressem muito satisfeitos com os resultados obtidos. De resto, se o Rio é grande, a sua hospitalidade não é menor. Nós outros — os que nunca lá foram — estamos absolutamente convencidos d'ella pelo muito e muito bem que d'ella nos dizem os que teem a ventura de a receber.



Pela Arcada — De pasta! Já?
— Para lá vamos.



Pela Arcada

— Que lhe parece?
— Recio que elle, nos engula como o *Ling-Look*, engula espadas...

factos recentissimos foram a ratificação de uma solidariedade aliás nunca desmentida e teem uma significação muito mais alta do que a de banal cumprimento de deveres de cortezia: a de verdadeira affectividade.

Pois bem! A despeito d'estas e de mil e uma outras razões mais ponderosas que se poderiam adduzir, Portugal desconhece quasi absolutamente a litteratura e a arte brasileira. Ao passo que nós atulhamos o mercado litterario da republica irmã da nossa producção, ella não nos manda um só livro! Nunca esquecerei o medonho trabalho que tive para ler um volume do admiravel prosador Coelho Netto. Ao cabo de pesquizas verdadeiramente policiaes, encontrei um exemplar. A' venda? Quem fala n'isso!... Na estante de um amavel cavalheiro que o obtivera no Rio. Os versos de Bilac teem entre nós uma vóga relativamente grande — feita pelas secções litterarias dos jornaes. A' parte tres ou quatro homens de letras — se tantos são! — que mantem relações com o illustre poeta, ninguem, em Portugal, possui um livro da sua lavra. O unico auctor dramatico brasileiro representado em Portugal, é Arthur Azevedo. E se nós vimos as suas peças foi porque Taveira e Christiano de Sousa as trouxeram de lá quasi á força.

Se a estas mal alinhavadas regras estiver reservada a ventura de cairem sob os olhos de algum meu camarada brasileiro, a esse peço pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo que promova, quanto em seu alcance caiba, pelos jornaes, em revistas, nos simples cavacos de club ou café, relações de intimidade entre a gente letrada dos dois paizes e que principalmente convença os livreiros editores de que lhes conviria a exportação dos livros brasileiros para Portugal, onde não encontrarão certamente um grande successo de mercado porque a terra é pequena, mas onde os espera, em grande numero de casos, um amavel acolhimento, o que tambem vale alguma coisa.

No dia em que tal se conseguisse — juro-o aqui solemne e publicamente! — metta-me a bordo de um paquete da Mala Real e abalava para o Rio de Janeiro. E então poderia garantir á rua do Ouvidor o espectáculo mais extranho, mais inesperado: o de ver-me bater o fado ou dançar o maxixe com o meu camarada Arthur Azevedo.

... Eu nem me quero lembrar dos cercos apertadissimos que os srs. Luiz Pereira e Celestino da Silva nos haviam de fazer, para nos contractar...

O tempo continúa mau, a ponto de não termos gosado ainda um dia de primavera, propriamente dito, como os cor-religionarios do sr. José Luciano. Chove frequentemente, o vento incornmoda quem transita pelas ruas e até os felizes que podem ficar em casa, assobiando nas frinchas das janellas, batendo com as portas. Ainda não foi possível ao lisboeta sair á noite sem o grosso casaco de agasalho, á vontade, n'um leve traje de meia estação. O que se arrisca a afrontar a intemperie, de corpinho bem feito, tem para peras. Toda a gente se queixa.

— Fulano?...

— Está de cama, com uma tremenda constipação. Saiu hontem sem agasalho...

— Pudera, com um tempo d'estes!...

— Eu tambem tenho estado muito exquisito, mal disposto, a cabeça pesada...

— E' d'este maldito tempo. Minha mulher tambem passou esta noite horrivelmente, com tosse, febre, muito desasossegada...

— Mas é que toda a gente se queixa...

Um dos interlocutores levanta o nariz ao ar e parece consultar os astros. O outro bate a calçada com a ponteira da bengala. Por fim, o astrólogo:

— E é que não temos tão cedo outro tempo!



Uma conversa interessante...

cos e deram um acréscimo notável ao rendimento dos reverendos parochos e conspícuos cangalheiros, que se verifica pela comparação d'este com o de igual período no anno anterior, como se diz nos relatórios e contas das associações.

Entim, coração á larga e — *Deus speret omnia!* como se diz no juizo do anno do *Borda d'agua*.

Uma recente provisão de Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha de Lisboa, a que a imprensa noticiosa se tem largamente referido, desgostou profundamente o clero do patriarchado, que tem manifestado a sua magua em escriptos, reuniões especiaes e entrevistas com redactores de jornaes. A paz entre os homens, preconizada pela sã doutrina do Christo Redemptor, não reina entre o clero, como seria para desejar, a ponto de pensarem os reverendos parochos da capital em pedir a Rôma um visitador meticoloso que a Lisboa venha verificar os males de que o sr. Cardeal diz enfermar a cleresia patriarchal e dar-lhe o preciso remedio. A attitude dos reverendos, humilde mas nobre, leva a todos os espiritos a convic-



No Terreiro do Paço

21-5-906

— Não! que o Porto precisa entrar nos eicos.
— Oh, se precisa!

— Também me parece.
— Passa por cá muito bem. Estimarei as melhoras de tua mulher.

— Eguamente. Trata d'isso; olha que, ás vezes, essas coisas desprezadas não dão bom resultado. Toma qualquer coisa.

— Hum... Isto, enquanto não melhorar o tempo... Quando vaes tu para fóra?

— Com o tempo assim?! Nem pensar n'isso é bom!

E não ha meio de dizer ou ouvir outra coisa ás pessoas das nossas relações.

Corre a época pouco propicia ás diversões ao ar livre: as touzadas e especialmente a feira de Alcântara tem-se resentido muito do mau tempo, que afasta naturalmente a concorrência. Mas, como toda a medalha tem um reverso, este singular tempo tem, também, suas vantagens nas proprias desvantagens. Vão perguntar aos medicos, boticarios, cangalheiros e padres que tal lhes corre o negocio. Ora, magnificamente! Não ha mãos a medir. A pneumonia, a gripe, o resfriamento com todas as suas insidiosas complicações, os ataques mais ou menos ligeiros de reumatismo, fizeram de maio o mez de S. Martinho dos senhores medicos e pharmaceuti-



Pela Arcada

— E' outro Marquez de Pombal. Vocês verão como 'elle, põe tudo a direito



Pela Arcada. — Desolação

ção de que o Pastor foi mal informado relativamente á conducta dos seus subordinados. Antes assim. O sr. D. José, que é um santo varão, uma nobre e piedosa alma, será o primeiro a rejubilar com o conhecimento do proprio erro. Façamos-lhe essa justiça.

Mas, perguntar-me-ha o leitor, de que é accusado o clero do patriarchado?

Eu lhe digo, não sem algum custo. O documento de que se trata verbera ao clero da diocese metropolitana o seu "relaxamento". E' grave, não ha duvida, mas é assim mesmo. A palavra tem significados varios e alguns de se lhes tirar o chapéu. Passemol-os em claro, por motivos obvios. Quem quizer mais amplas explicações interrogue o meu illustre camarada e erudito professor dr. Candido de Figueiredo. Elle lhe dirá coisas que farão arripiar os cabellos a um cafre.

Sua Eminencia faz consistir o relaxamento de que se trata no uso de hostias confeccionadas com pó d'arroz; de vinho, destinado ao santo sacrificio da missa, feito com maçãs; no uso de bicycleta; na frequentação de theatros onde se representam peças de ca-

racter licencioso — e em alguns outros herbicachos de menor importância.

Por sua parte, o clero declara que as acusações caem pela base, afirmando contra a primeira, com a pauta das alfândegas na mão, que o pó d'arroz fica muito mais caro que a farinha de trigo; que o vinho de maçãs, dada a escassez d'esta fructa e o seu alto preço,

é um luxo incompatível com os magros recursos dos parochos; que, relativamente ao uso de bicycletta, não consta que nas diversas aggremações do sport esteja matriculado nenhum ecclesiastico e que, pelo menos no velodromo da capital e nos passeios dominicaes promovidos pela casa Columbia, não foi ainda visto nenhum padre disputando corri-



Pela Arcada. — Não desgosto do homem...
— E dois...

das; e quanto a espectáculos theatraes licenciosos, appella para o sr. dr. Moreira Feio, inspector da policia, useiro e veseiro em não deixar escapar sequer uma phrase que possa offender tympanos da mais afinada sensibilidade, como esta — "vá para o diabo que o carregue!", — que a. ex.* faz substituir por est'outra: — "ora Nossa Senhora lhe valha, homem de Deus!".

E por aqui se fica o clero do patriarchado, não sem dar a perceber que, como a romana Laronia, defendendo o seu sexo contra



Pela Arcada. — Que lhe havemos de fazer...?
— Custa a roer, custa...

as investidas dos stoicos, poderia clamar: *Dat veniam corvis, vexat censura columbas!*

As coisas estão n'este pé e permita Deus, para honra e lustre da religião e consolidação do indispensavel prestigio dos seus ministros, que por aqui se quedem. Tudo depende da serenidade com que o caso seja tratado. Será possivel mantel-a, de parte a parte? *Hoc opus hic labor est*, como dizia a sibylla de Cumes a Eneas grelhado ao natural no brazeiro das profundezas do Inferno. Confiemos, porém, em que tudo acabará bem. *Hoc erat in votis.*

Fallecido conego Luiz Francisco da Rocha: creio ter hoje honrado a tua memoria, oh meu doutissimo professor de latim, — oh cruelissimo flagelador das minhas orelhas!...

CAMARA LIMA.



Pela Arcada

— Ora você na Arcada, podendo estar no poleiro!

— Meu caro... governo e tabacos é muito para um homem só.

Na provincia a noite de Natal conserva ainda hoje a doce poesia das festas de familia.

No Porto e em todo o Minho, ao cair d'essa noite, fumegam as chaminés de todas as casinhas. Ouvem-se ás portas as argoladas dos que

chegam, debaixo de chuva ou debaixo de neve, para tomarem parte no banquete. As velhas avós enfeitam-se para essa recepção com a touca de gala, que emoldura n'um folho de renda fresca os seus cabellos brancos. Os que vem de longe abrem os braços ao chegar á porta para que os outros se lhe pendurem no pescoço. Vozes alegres e amigas enchem a casa de um jubilo sonoro de alleluia. Estão accesas todas as luzes da sala de jantar. Desdobra-se na meza, com uma pessoa a cada ponta, a grande toalha rica, vinçada nas dobras e cheirando á frescura caseira do bragal. Telintam os talheres de prata e os copos dourados. Os pratos vem dos armarios trazidos em rumas pelas raparigas de bellos dentes, e vestidas de festa, com as largas arrecadas de ouro, e o grande cabeção de folho. Desrolham-se as garrafas. Ha no ar um perfume festival de lacre esmagado, de vinho do Porto, de limão e de canella.



— Esta "Vanguarda"!
— Cantem, cantem que "elle", os fará dansar.

RAMALHO ORTIGÃO.

José Malhõa

A sua exposição no Rio de Janeiro

Em breve chegarão ao Brasil os deliciosos quadros de Malhõa que todos nós ha pouco admirámos n'um embevecimento que só as grandes obras d'arte nos dão e n'um desvanecimento patriótico por esse artista de raça, tão nosso, que vae ter a sua consagração no Brasil como ha muito a teve em Portugal. De entre os formosos cem quadros que José Malhõa vae expôr, destacámos alguns para o *Brasil-Portugal*, ao acaso, porque a escolha seria impossivel entre tantas obras primas.

Nada diremos sobre a bella obra d'este infatigavel trabalhador, d'este distincto artista. Limitando-nos a felicitar o Brasil que vae conhecer o seu valor perante a sua deliciosa galeria.

Politica internacional

O que se está passando actualmente na Russia com as deliberações da *Duma* é em verdade extraordinario, e difficil se não impossivel será encontrar na historia exemplo, que se lhe possa comparar.

Conforme é sabido, foi n'uma hora de terror e quando a autocracia se julgava de todo perdida, que Nicolau II, sob a pressão da grève geral que ameaçava paralisar a vida inteira da nação, se resolveu a prometter uma constituição ao povo russo e instituições parlamentares. Ainda bem a promessa, porém, não estava feita, e já nas regiões da cõrte se pensava na maneira de sophismar o promettimento do tsar. Veiu a revolução de Moscou, que foi afogada em sangue; e principiou a accentuar-se outra vez a reacção, que conseguiu quasi destruir o que á custa de tantas victimas se tinha alcançado. As perseguições redobram de intensidade. O terror branco novamente se espalhou por todo o paiz. As execuções summarias foram a ordem do dia, e por pouco que não se declarou solemnemente irritado e nullo tudo o que se tinha promettido e o pouco que se havia decretado.

Foi n'estas condições, em meio da mais desenfreada reacção, que se deu principio aos trabalhos para a eleição da *Duma*. Fez-se tudo quanto era possivel para logo á nascença falsear esta instituição, a ponto que grande numero de liberaes e democratas, não contando já com os revolucionarios, se negaram a tomar parte n'esses trabalhos preparatorios, julgando perdidos ou contraproducentes todos os esforços destinados a crear uma assembléa, que se sabia de antemão, pela maneira como ia ser recrutada, dever apenas servir de chancellia á autocracia.

Com effeito, chegam a parecer inacreditaveis os meios de que se lançou mão para excluir da *Duma* todos os elementos, que, ainda o mais timidamente, pudessem apparentar qualquer predilecção pelas reivindicações populares. Decretou-se em primeiro logar que a eleição fosse indirecta, — de segundo grau. Depois perseguiram-se os eleitores, prendeu-se a torto e a direito, a ponto de ficarem atulhadas as prisões, deportaram-se em massa os mais inoffensivos e ordeiros cidadãos, e sobre os que ficaram (porque em summa alguém havia de ficar para dar uma apparencia de realidade á eleição) exerceram-se as mais inauditas violencias e puzeram-se em pratica as mais extraordinarias pressões. Que assembléa havia de sair de semelhante corpo eleitoral?!

O menos que ella poderia ser, era o instrumento docil e submisso do poder que a tinha nomeado. E foi assim que as espheras da cõrte a consideraram para o effeito dos seus calculos. Finalmente a Russia burocratica ia ter a sua desforra com a cumplicidade inconsciente da nação. Era a *Duma* quem ia consagrar definitivamente a autocracia dos tsares.

Reune-se porém a *Duma* e, com espanto e desespero dos que a tinham convocado e que tão accommodaticia a julgavam, manifesta-se ella logo na sua primeira sessão a verdadeira representante das aspirações e das queixas da Russia inteira. Como para ainda lhe cercear mais os já tão reduzidos poderes, tinha publicado o governo nas vespas da reunião d'ella as chamadas "leis organicas", transformando a nova assembléa em um corpo meramente consultivo, com evidente menosprezo de todas as promessas feitas e em opposição formal ao espirito do manifesto de 30 de outubro. Nada d'isso valeu ao partido da cõrte.

Depois de ter ouvido em signifi-



Rainha D. Amélia

(Quadro de Malhõa)



Pensando no caso

(Quadro de Ilalhó)

cativo silêncio o insignificante discurso da corôa lido pelo tsar, e depois de ter eleito para seu presidente o professor Moromtsev, a *Duma* começou a discutir imediatamente a resposta á mensagem imperial. Mas antes d'isso e pela voz eloquente do sr. Petrunkevitch approvou por aclamação uma saudação entusiastica a todos aquelles, que nas masmorras da autocracia e no exilio estavam soffrendo pela liberdade. Assim debutava a *Duma* nos seus trabalhos, definindo desde logo a sua situação em frente do throno e da burocracia, por modo a não dar logar a equívocos. Esta primeira saudação dos deputados ás victimas da reacção vale por si só um programma completo. E a solemnidade com que o acto se realisou, a vibração fremente d'essas primeiras palavras livres pronunciadas no seio da representação nacional, só encontram paralelo n'alguma d'essas inolvidaveis sessões dos Estados Geraes francezes em 1789. Na Russia, porém, a grandiosidade do scenario e o tragico da situação puzeram uma nota mais commovedora ainda, se é possível, n'este quadro unico da redempção de um povo... Tal começo de vida é de molde a animar as melhores esperanças. A discussão da resposta ao discurso da corôa e o texto d'essa resposta, que acaba de ser votado unanimemente pela *Duma*, constituem sem duvida um acontecimento de tal modo extraordinario, tão fóra de todas as previsões, mesmo as mais optimistas, que a estas horas a Europa inteira intellectual e politica se deve ter penitenciado do errado juizo, que fazia da educação politica do povo russo. O que se está passando em S. Petersburgo no palacio Tavritcheskii é um exemplo e uma lição para todo o mundo civilizado. Devem ir alli os povos fortalecer-se e aprender na altivez e na independencia com se que redimem dez seculos de escravidão...

O que vai succeder se, como já ninguém o pôde duvidar, a *Duma* persistir na sua obra de reivindicção das liberdades populares? Não é facil prevel-o; mas o que se deve afirmar sem receio de desmentido, é que n'este momento começa a verdadeira revolução russa. De duas uma, com effeito: ou o tsar aceita o modo de ver da *Duma* e obtempera ás suas imposições, e n'este caso a revolução faz-se pacificamente, pelos meios legaes; ou o tsar incitado pelo partido da côrte, procura resistir e pratica qualquer violencia contra os eleitos do povo, como por exemplo a dissolução da *Duma*, e então estála a revolução mas mais temerosa e irresistivel d'esta vez, porque agora os revolucionarios teem um ponto de convergencia para os seus esforços, que é a assembléa que de maneira tão levantada está interpretando a vontade da nação. D'este dilemma não ha que fugir, como brevemente os factos se encarregarão de o demonstrar.

Os acontecimentos estão tomando na Russia a mesma feição, que tiveram no inicio da revolução franceza. Também então os Estados Geraes, como hoje a *Duma*, se haviam reunido com as mais conciliadoras intenções, e ao cabo de algumas semanas tinham de facto abolido a antiga realza de Luiz XIV. Também então, como hoje, os deputados conservadores, arrastados pelo movimento geral dos espiritos, que se transformou n'uma corrente irresistivel, votaram sob a fascinação da pa-

lavra ardente dos tribunos populares todas as propostas por estes apresentadas, mesmo as que importavam para esses deputados um verdadeiro suicidio politico. O parallelismo assim iniciado conservar-se-ha até ao fim da revolução russa? Teremos que ver, passado o deslumbramento da primeira hora, reincidir as classes conservadoras da Russia nos mesmos erros, que em França tanto sangue custaram? Teremos que assistir primeiramente ás hesitações da côrte, depois á opposição formal d'ellas medidas votadas pela *Duma*, desencadeando por fim a tempestade que ha de subverter o throno? Será na Russia o fim dos Romanos o mesmo que em França tiveram os Capetos? Quem o pôde n'este momento prevêr? E' certo que começam a manifestar-se os primeiros symptomas inquietadores. A recusa de Nicolau II a receber o presidente da *Duma*, que com uma commissão lhe devia apresentar a resposta ao discurso da corôa, votada unanimemente por aquella assembléa, é altamente significativa. Parece-nos estar assistindo a uma d'essas tristes resoluções de Luiz XVI, que tanto contribuíram para exasperar o movimento revolucionario, que lhe havia de despedaçar o throno. E' mau este começo, porque põe desde logo uma nota de desconfiança entre os dois poderes, de cuja leal cooperação depende que a revolução na Russia não custe mais victimas. O que parece é que o partido da côrte, desconcertado no primeiro momento pela attitude inesperada da *Duma*, pensa em resistir e prepara-se para inutilisar a obra generosa e patriótica dos deputados. Um telegramma recebido á ultima hora chega mesmo a referir a descoberta de uma conspiração militar, que teria por fim dissolver violentamente a *Duma* e proclamar, com o auxilio do celebre general Trepov, outra vez a autocracia dos inaufereis direitos. Mau caminho seria esse, que indubitavelmente apressaria a catastrophe suprema e varreria na onda da indignação geral a dynastia e o throno. Custa a acreditar que a tanto chegue a cegueira da burocracia. No entretanto forçoso é confessar, que a demissão do conde de Witte de presidente do ministerio e a sua substituição pelo conselheiro Goremkyn, creatura inteiramente dedicada ao paço e funcionario incondicionalmente ao serviço da reacção, não são de molde a tranquilisar os verdadeiros amigos da Russia. Alguma coisa se trama contra a *Duma*, e percebe-se bem que o actual regimen não se quer dar por vencido sem travar a ultima batalha. E' mais uma loucura e mais um crime. Mas



A Fogaça

(Quadro de Ilalhó)

o quos Jupiter vult perdere vê-se que é de todos os tempos e que faticamente se cumpre em todas as latitudes.

Como quer que seja, porém, a revolução russa ha de vencer. Dos seus inimigos depende que a pagina da historia, onde ella tem de inscrever-se, seja brilhante ou sangrenta. Mas ha de vencer, e o que pôde desde já afirmar-se é que a sua repercussão na Europa vaõ ser immensa. O primeiro paiz que lhe ha de soffrer o influxo é a



O azeite novo

(Quadro de Malbó)

Allemanha. A nação, que conta na sua tradição historica a grande recordação do parlamento de Frankfort, ha de sentir-se vexada deante da altiva independencia dos revolucionarios russos, e acabará por comprehender que será para ella uma abdicção submeter-se por mais tempo a esse regimen bastardo, que faz d'ella na actualidade o estado mais reaccionario da Europa. E a Allemanha emancipada será o signal da remodelação completa do direito publico europeu.

O, que no fim de contas, nós todos liberaes e democratas devemos aos japonezes, os verdadeiros auctores com as suas victorias de todas estas transformações! . . .

CONSIGLIERI PEDROSO.



A morte de Lili

Que fazes tu creança, á chuva, n'essa esquina,
inquieta a olhar alem?...
És tão mimosa, loura, anémica, franzina,
toda um melindre, um ai, que se o relento vem
póde transir-te ó flor, ó setinoso fructo!
Mas tu choras, Lili?... Lili estás de luto?..
Lili já não tens mãe?..

Lili d'olhos azues, que é das risadas francas
que te ouviam cantar?
Lili, que é do setim róseo das faces brancas,
teu rir quaes pratos d'oiro, ou tymbales no ar?

Narra ao meu coração os ais que te consomem.
Loura, d'olhos azues, abála um peito d'homem
vêr taes olhos chorar!

Porém, reparo agora:— uma mulher do enxurro
fala contigo e ri...
Passou um valdevino, e ouvi bem o sussurro
d'um beijo enxovalhar-te a jáspea tez, Lili!
O' melindrosa flor orphã d'affectos ternos,
ai de ti, se rolaste ao horror dos nove infernos.
Ai de ti! ai de ti!

Quem foi que te vendeu?... Foi tua mãe, um dia,
cançada d'aguardar
teu pae que vinha tarde ou ebrio d'uma orgia,
sem ter deixado pão, nem lume para o lar?
Quem foi que te vendeu, meiga pequena doce,
seraphim do bordel, branco alfenim do alcouce,
anjo do lupanar?

Quem foi que te vendeu, gracil pequena loura,
loura da côr das eiras?
Quem foi que arremessou tua cantante auróra
á enxerga do bordel e ao lodo das regueiras?...
Quem desastrou, á chuva, o oiro d'essa trança?...
Quem traficou contigo, — alva e gentil creança
de timidas maneiras?

Quem foi que te vendeu? Não tua mãe, decerto.
Acaso existe alguém
que tenha um jáspe assim, um ai, um lyrio aberto,
e o lance para o enxurro, aos pés do deus Vintem?
Não. A ignóbil mulher que foi vender-te á praça,
ao cobre do plebeu, e ao rir da populaça,
não é, nem será mãe.

Quem te mandou á chuva, ó trémula innocente,
vender-te a quem passava?
Escravidura branca horrível do Occidente!
mais abjecta que a negra e ainda mais escrava,
para deixar assim laivar estas creanças,
onde tem a Justiça então suas balanças,
e a Lei a sua clava?

O que é que fazes tu Ordem, ó dona séria,
que empurras á prisão
o mugido da fome e o uivo da miseria,
que ousam vir á viella a mendigar o pão,
e deixas traficar, nas ruas, ás esquinas,
as creanças gentis, as jovens messalinas,
que andam de mão, em mão?



Chegada do Zé P'reira á romaria (Quadro de Malbó)

Rapariguila loura, ó lyrio sem raizes,
tens róxa e fria a tez.
Porem que importa agora a Thémis e aos felizes
que o teu corpinho trema ao frio e á timidez?...
Por estes tempos maus de críticas finanças
Thémis levou á onzena o oiro das balanças,
a Lei dorme talvez!

Eu creio até que a Lei, deusa d'antiga raça,
vingadoura d'heroes,
teve um impeto e quiz proteger á praça
os orphãosinhos nus. Foi se vestir... depois,
sentiu tão rijo o vento a buzinar no tecto,
que de novo metheu o seu nariz correcto
debaixo dos lençoes.

Lili então narrou, com voz sumida... um ai...
travando-me da mão,
que jamais conhecêra em toda a vida o pae,
e a triste mãe dormia ha tempos, n'um caixão.
Foi posta n'um convento a educar, d'esmola,
E ahí n'esse pombal, antro, caverna, escolla,
um padre, um padre, então...

Um padre, ó mães, um padre a polluir a infancia,
um padre a conspirar
sem mágoa e sem rebuço, a angelica ignorancia,
que não sabe o que é céu, mas que o fundiu no olhar,
um padre, cauto e doce, a argamassar o crime
de chafurdar no escuro esta creança... um vime...
no chão do Iupanar!

Monstruosa corrupção histórica moderna,
tu que ha tanto caminhas
de nevróse em nevróse á podridão eterna,
não te bastavam já as victimas que tinhas,
nem teu abjecto rol do incesto e do adulterio,
faltavam-te ainda mais os gózos de Tibério:
— os ais das creancinhas!

Deus ancião, deus do raio, — ó moralista assombro
dos prophétas judeus,
tu que assolaste outróra e que tornaste escombro
o Mar Morto, com fogo e colera dos céos,
porque irritado agora, ó Vingador, não lanças
sobre estes gaviões rapáces das creanças
algum raio dos teus?...

Pobre Lili, jamais a esp'rança d'um marido
fur-te-ha rosar de pejo!
Jamais tu ouviras dos filhos o chulrido.
Jamais verás n'um bêrço o sol do teu desejo,
Jamais o emballarás, cantando as velhas rimas...
Nenhum noivo, aí de tí! dar-te-ha, pelas vindimas,
o seu primeiro beijo.

Lili não durou muito. — Exausta um dia, á tarde,
morreu n'uma caminha.
Morreu qual tenue luz que bruxoleia e arde,
como ave que ao morrer esconde a cabecinha,
morreu como uma flôr truncada pelo nórté...
E a sua mansa voz, no aproximar-se a morte,
inda era mais mansinha.

Morreu qual passarinho — herva rasteira e ingloria
n'um carreiro sem luz.
Tinha uma tosse rouca, e a lividez marmórea
d'um rostinho em marfim d'um rigido Jesus.
Tinha uma tosse rouca, estrangulada, frouxa.
E fazia chorar vér a magreza róxa
de seus bracinhos nus.

Morreu qual sópro, um ai, um coração que séca
No escuro, sem ninguém.
Morreu, tendo estreitada ao peito uma boneca,
que fóra em seu viver, primeiro e ultimo bem.
Com ella eu a enterrei n'um caixãosinho d'ave...
E Lili, morta assim, levava um rir suave
d'uma tristinha mãe...

O' creanças gentis, garrúlos passarinhos,
vossa inquieta estroinice,
vossos risos pueris mais musicaes que os ninhos
dão mocidade á alma e a alagam de meiguice!
O' palheiros abris, vos sois, louros traquinas,
rosas do nosso amor, as heras das ruinas,
sol da nossa velhice.

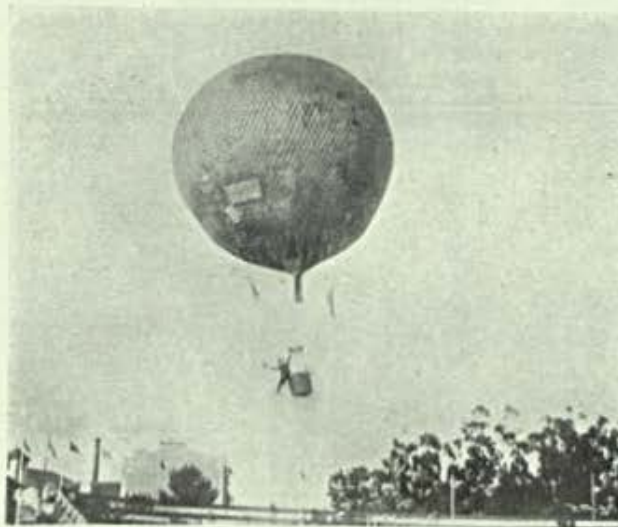
A'vesitas joviaes sois a reminescencia
da nossa infancia em flor...
Vossos louros anneis frisados da innocencia
são cadeias que mais soldam ainda o amor,
sois os risos do lar — e em horas de desgraça
vossos bracinhos são a cruz a que se abraça
a nossa grande dôr.

Dizem que vós fazeis um tal motim que alegre
insano, absurdo, atroz.
Porem, quando morreis, e uma cruzinha negra
vos tapa o caixãosinho, e os paes se sentem sóos...
quando estão mudos lar, parques, jardins, terraços,
e o ar nem de vós traz leve rumor de passos...
então, choramos nós.

Assim morreu Lili, n'esta era ferrea e dura
d'insanias crapulosas.
Ninguém vai visitar essa cruzita obscura.
Ninguém pendura n'ella as plantas graciosas.
O globo continuou intrepido e tranquillo,
a Ordem, séria dona, a fazer bem o chylo,
e o sól a fazer rosas.

GOMES LEAL.

O balão NACIONAL — Uma ascensão no Velodromo, em 20-5-906



"Lá vae o balão ao ar"



O aeronauta Alfredo Gomes de Figueiredo

PRECE

SOL tal é o título de um novo livro de Flexa Ribeiro, um poeta de valor incontestável. Os seus versos vêm impregnados de uma vaga tristeza, mas são de um sabor delicado. D'esse livro destacamos a «Prece».

A prece que tu elevas
para as alturas dos Céus,
liberta-me d'estas trevas
e faz-me pensar em Deus.

E crêio, então, na existencia
do Obreiro da Creação:
— Elle fez da mesma Essência
o teu, e o meu coração...

Unio-os de tal maneira
e põe-os, assim, conjuntos,
que passando a vida inteira
exilados, — estão juntos!

O meu nome sóbe ao céu
na prece que tu lhe envias,
involto num tênue véu
de christans «Ave-Marias»...

Ninguem ha de desunil-os,
pois, embora os ceife a morte,
estará a confundil-os
a mesma fraterna sorte!

Quando fõrem da Peleja,
à páz soturna do chão,
ninguem dirá o qual seja
o teu ou o meu coração!

O meu nome sóbe ao céu
na prece que tu lhe envias,
involto num tênue véu
de christans «Ave-Marias»...

Bendita seja essa Reza,
que de mim já fez um crente
que minha alma torna illeza
do Mal que contra ella attente!

Mãos postas, olhos voltados
para os celestes incantos...
São mais puros teus Peccados
do que a Pureza dos Santos.

E, no entanto, tu imploras
a graça duma oração;
tu, que és o Livro-das-Horas
da minha Religião!...

— Por ti eu supplico e peço
ao Christo Crucificado...
Pois é d'orações que teço
o Sonho d'este noivado!

— Péde, Filha, pelos nossos
corações, todos os dias!...
Involve-os em «Padre-Nossos»
e únge-os d'«Ave-Marias!»

Flexa Ribeiro.

Garantia da Amazonia

Tem oito annos de vida, exactamente os mesmos que o *Brasil-Portugal* conta. Nasceram juntos, são quasi gêmeos e promettem-se ir pela vida adiante ligados, como os siamezes, pelo cordão umbilical das prosperidades... se Deus quizer. O activo da *Garantia* em fins do anno passado era de **10.144.345\$597 réis**, ou um total de garantias de **12.010.304\$200 réis**, e um fundo de reserva que monta a **6.441.831\$692 réis**.

Nós ainda lá não chegámos. Temos um grande activo de modestia, e em reserva um braço de agradecimentos aos nossos assignantes fiéis de aquém e de além-mar.



Marquez de Fontes Pereira de Mello

† em Paris em 23-5-906

Victimou-o uma congestão pulmonar. Era tenente coronel de engenharia e ha muito administrador delegado da Companhia de Moçambique. Sobrinho do glorioso estadista Fontes Pereira de Mello, tinha assento na camara dos pares por nomeação regia após a morte de seu tio. Occupava actualmente o cargo de sub-inspector do serviço de engenharia no campo entrincheirado. Paz á sua alma.

MERCANTES

— Mercantes! amigo. Mercantes!... Assim dizia um, com a voz abafada de quem revela preocupações sombrias.

— E filhos de mercantes!... acrescentava o companheiro, parando para melhor firmar a exclamação d'applauso e juntar mais remotos motivos de suspeita á accusação.

Depois, de braço dado, sumiram-se no tumulto da rua, deixando ao desconhecido que os ouvira, como echos d'anathema, a maldição d'um mundo d'interesse, de cobiça e de mentira.

Mas, revolvidos mezes, um dia, no repouso dos campos ermos, lá no alto do montanha, outra voz se ouviu, toda indulgente; erguia-se do valle, onde o rio corre sobre a areia branca, entre salgueiros. Solto-se da véla ligeira, voando sobre as aguas, mensageira de amor, unindo os homens e aproximando filhos da terra, que o acaso separa e cria em habitação distante. Vinha dos montes á planície trazer os madeiros, que abrigam e aquecem aquelles cuja sorte rigorosa foi o labor nas praias inclementes, batidas da chuva e varridas pelo vento.

E a voz do barco, vogando manso sobre a corrente, na esteira perfumada e acre das lenhas amontoadas, como deixando em rasto nuvens ligeiras, d'um alento silvestre e resinoso, conta viagens longas, aturadas, pacientes.

Ao pescador desamparado, entregue pelo destino á crueldade caprichosa da onda esteril, quantas vezes lhe trouxe macios vélos do rebanho, robles crepitantes e o fructo succulento e doce, sazornado da varzea quieta, abrigada e fertil! Depois, á loreira, enquanto espera a madrugada para voltar, rio acima, na faina sem termo, o mercante repete a vida silenciosa nas serras desertas, ameaças de viboras, esfaimados lobos e fogos do raio; enquanto o pescador, com a voz commovida das recordações temerosas, lhe diz mais uma vez as agonias da tormenta entre rugidos do mar, sobre as vágas, singrando heroicamente na visão da sepultura, negra companheira da jornada, aberta sempre a seu lado.

Quem sabe?!... Quando julgavam trocar cousas vulgares e, astutos, tentam enganar-se, derramando o sentimento da fraqueza humana e da inanidade das aspirações terrenas, porventura fundiram almas diversas em união e amor; pensando realisar cousas do mundo, fabricaram talvez, sómente, obras divinas!

Jayme de Magalhães Lima.



D. Maria, *A actriz Virginia — A sua despedida — O ciúme.* — **Gymnasio**, *O Tutor.* — **Avenida**, *O homem do guarda chuva.*
Colyseu dos Recreios, *Opera italiana.* — **D. Amella**, *Companhia de zarzuela*



retirada de Virginia da scena portugueza, que ella illuminou durante tantos annos com o seu talento de artista e a sua graça de mulher, deixou um vacuo profundo, enorme, insubstituivel. E tanto isto assim é comprehendido e sentido que n'essa, já agora memoravel noite da sua despedida, todos os que puderam obter um logar no theatro das suas glorias, lh'o provaram de uma maneira effusiva, quente, entusiastica até ás lagrimas. Não nos lembramos de ovações maiores, traduzidas n'um tão carinhoso affecto, n'uma tão intensa vibração de sentir. As flores que lhe encheram o camarim e a scena, o officialato de S. Thiago com que el-rei a agraciou, a enternecida manifestação das senhoras que de pé a acclamavam por entre lagrimas, o entusiasmo louco de todo o publico, essa, por assim dizer, apothose, devem bem ter provado á grande actriz quanta desolação, quanta saudade, deixava o seu rastro luminoso no theatro e quanta admiração o seu extraordinario talento de artista e as suas primorosas qualidades de mulher, tinham imprimido na alma da sociedade portugueza.

Virginia recolhe, depois de uma carreira ininterrupta de glorias ao remanso tranquillo do seu lar, mas nós alimentamos ainda a esperanza de ouvir a musica da sua voz e de ver a sua gentil cabeça branca n'alguma festa de caridade.

N'este final de época deu-nos a empreza de **D. Maria** uma peça de Angelo Guimera, o fecundo dramaturgo catalão, que já applaudiramos na *Tierra baja*, porventura a sua melhor peça. E' um drama com todos os matadores d'este genero theatral, tendo a mais o caracteristico hespanhol o que o torna violento e poetico. O excel-

lente grupo de artistas d'aquelle theatro desempenhou primorosamente a peça, destacando-se Adelina Abranches e Angela Pinto. A traducção é cuidada.

O **Gymnasio** deu nos ha poucas noites uma comedia interessante, *O Tutor*, um episodio da vida parisiense, feito com muita graça e bom humor por Julio de Mossinaul, traduzida pelo sr. José Soares e representada por Valle, Barbara, Joaquim de Almeida, Telmo e Cardoso, o que equivale a dizer . . . admiravelmente.

A companhia de José Ricardo, actualmente no theatro da **Avenida** inaugurou com o lindo *vaudeville* em quatro actos *O homem do guarda chuva*, adaptação de Camara Lima, versos de Luiz Galhardo e musica do maestro brasileiro Costa Junior.

A peça muito bem posta em scena e lindamente interpretada por José Ricardo, Amelia Lopicollo e restantes artistas teve um successo e deve conservar-se por muito tempo no cartaz. A adaptação é excellente e Luiz Galhardo foi feliz nos versos, especialmente na canção da ama.

No **Colyseu** continua a sua triumphante carreira a excellente companhia lyrica, variando quanto possivel os seus espectaculos e attraindo enormes enchentes. Uma das ultimas operas cantada foi a *Carmen* pela sr.^a Helena Pons, hoje incontestavelmente a melhor interprete da voluvel cigarreira; boa presença, linda voz, grande talento de artista e muito *sal* hespanhol, tudo isto reúne a brilhante artista que tem contado as ovações pelas noites em que se tem apresentado ao publico de Lisboa.

No **D. Amella** está quasi a terminar o seu contracto a companhia de Zarzuela que tanta alegria, tanto movimento e tanta graça imprime aos seus espectaculos, chamando ali todas as noites um publico numeroso e a *élite* da nossa sociedade. E' pena que acabe tão cedo.

